

prefácio

PARA SAUDAR VALTER HUGO MÃE

I

A narrativa que prevalece, ao que me parece, no mundo inteiro, é uma espécie de invasão da realidade. Este facto não só garante o triunfo da banalidade como, acima de tudo, atribui à banalidade o estatuto de arte. Como se a poeira dos passos fosse mais importante do que os próprios passos.

É talvez por isso que, diante de um fenómeno hoje globalmente generalizado, que se caracteriza pela exclusão do significado e pela auto-referência dos signos, Jean Baudrillard fala da “ausência do real”.

Todavia, a criação, e em particular a criação poética, transcende essa ausência que é intrínseca ao avanço da tecnologia nas áreas da informática, do universo digital e da telemática. Ao fazê-lo, inventa uma presença e repete a invenção do mundo. Por isso, continua a ser a energia mais criativa e mais importante no que respeita a aprofundar questões sobre a existência e sobre a busca do futuro. A criação poética não pára de questionar o sentido da identidade humana; questões que ficam por responder nesta névoa que se espalha e se adensa sob o peso cruel da globalização.

O Homem pode, inegavelmente, levar ao extremo os limites das suas possibilidades num mundo que hoje se baseia

numa tecnologia sem limites. E, desta forma, corre o risco de se anular ou de desaparecer em favor de um mundo industrial que é, de uma forma ou de outra, a negação do ser humano. Um mundo que não progrida e que reduza o Homem ao estado de máquina é um mundo que dispensa o Homem.

Acrescentemos a isto o facto de existirem muitos aspectos da criação artística que acentuam esse fenómeno. A arte abstracta, em particular, intensifica a ausência do Homem ao criar uma confusão de igualdade entre os poderes da arte e os poderes da vida, como se a vida e a arte dependessem do mesmo princípio. Através dessa abstracção, contribui para a transformação da arte em mercadoria. Neste momento, a arte rompeu com a sua função heurística para sucumbir à sedução de uma indústria da arte e ao inevitável tráfico comercial. A arte contribui para o seu próprio desaparecimento a partir do momento em que anula as diferenças entre a sua própria essência e as solicitações industriais que a estimulam.

II

A escrita, desde a sua origem, sempre tentou transgredir e transcender a realidade, dando-lhe uma nova imagem. Hoje, pelo contrário, tenta reproduzi-la. E, ao reproduzi-la, limita-se a sufocar e a aprisionar numa gaiola palavras pre-fabricadas. A realidade não pode ser ultrapassada sem se excederem as formas predominantes da escrita. Não é possível mudarmos o exterior sem modificarmos radicalmente o interior. Criar é destruir o banal e reconstruí-lo como se fosse criado pela primeira vez.

A criação liberta a escrita de todas as restrições impostas pelo exterior. É necessário que o “eu” substitua o “tu deves”. A escrita é uma exigência ética. Não é uma exigência moral. Assim sendo, é um ponto de encontro entre o escritor e o leitor, e não uma mercadoria. Se o escritor é um criador, o leitor também o é.

A escrita, a este nível, é uma interrogação e uma busca na qual o escritor e o leitor são os únicos intervenientes. E narrar, neste sentido, é quebrar a narração que se cria estrutural e formalmente entre o escritor e o leitor. Surge, então, uma *outra* narração que implode, surpreendendo a chama da realidade nas suas manifestações mais profundas.

A narração-conto, para além dos limites do conto. Uma narração que se revolta *contra* a narração. Uma narração que desarranja a narrativa através de *uma perturbação lenta e sistemática* de todos os caminhos. A escrita liberta a realidade da temporalidade linear débil: uma narração que não pertence à história mas à poesia, a fim de criar sempre novas relações entre as palavras e as coisas, entre o Homem e o mundo; em suma, um tipo de transgressão que permite que o mundo se transforme num movimento metamórfico permanente.

III

Narrar não é contar a realidade como um facto. Pelo contrário, é compreender ou capturar o momento oculto a partir do qual surgiram as fontes dessa realidade. É escrever aquilo que excede o visível para identificar o real na sua plenitude, no seu infinito. Nesta perspectiva, percebo que

a escrita narrativa em Valter Hugo Mãe é uma experiência poética. E é também através desta perspectiva que consigo compreender o que diz José Saramago sobre *o remorso de baltazar serapião*: “Este livro é um *tsunami* no sentido total: linguístico, semântico e sintático. Deu-me a sensação de estar a assistir a uma espécie de nascimento da língua portuguesa.” Aqui, a forma é uma imagem do ser e da vida. E a escrita não é apenas uma experiência criadora da arte de escrever. É, sobretudo, a experiência da arte de viver.

Na escrita, há sempre um poder oculto que actua como uma transformação e não como uma simples formatação de pensamentos. Digamos que a escrita, na sua essência, é uma exploração do caos interior. Ela tenta controlar esse caos e revelar as suas metamorfoses.

Eu iria mais longe ao dizer que escrever é criar um vazio dentro da própria escrita, que nos impõe, em termos éticos, a responsabilidade de o preencher com questões que surgem do segredo do sentido e do devir.

E, nesse sentido, narrar significa criar; quando a escrita se liberta da memória do passado. Quando não tem outra ligação com o passado para além da ruptura, ou seja, o lado pelo qual a ponte é atravessada para nos orientar em direcção ao desconhecido.

Adonis
Paris, Julho de 2015

*deus é a nossa
mulher-a-dias*

adília lopes

para o nélio paulo

de noite, a maria da graça sonhava que às portas do céu se vendiam souvenirs da vida na terra. gente de palavras garridas que chamava a sua atenção com os braços no ar, como quem tinha peixe fresco, juntava-se em redor da sua alma e despachava por bagatelas as coisas mais passíveis de suprir uma grande falta aos que morriam. os últimos charlatães, pensava ela, envergonhada até por ter de pensar depois de morta, ou que talvez fosse coisa boa antes de se entrar no céu ser dada a oportunidade de levar um objecto, uma imagem materializada, algo como prova de uma vida anterior ou extrema saudade. ela pedia-lhes que a deixassem passar, ia à pressa, insistia, sabia mal o que fazer e não podia decidir nada sobre nada. seguia perplexa e não querendo arriscar a ganância de se depositar na eternidade a partir de um acto de posse. por uma compreensível angústia, ansiedade ou frenesi de ali estar tão pela primeira vez, mantinha a esperança de que talvez são pedro a esclarecesse e, com um pé lá dentro e outro ainda fora, lhe fosse possível comprar o requiem de mozart, a reprodução dos frescos de goya ou a edição francesa das raparigas em flor.

as portas do céu eram pequenas, ao contrário do que poderia esperar. precisaria de se baixar consideravelmente

para passar e, na multidão de quem queria ser atendido, era dramática a confusão, gerando violência e uma nuvem de pó que se levantava com muita frequência. a maria da graça ainda escapava aos vendedores e já tentava perceber de que lado da praça devia arriscar a sua aproximação à porta. não era fácil fazer o caminho daqueles cem metros sem levar um encontrão ou, pior, ser confundida com um dos arruaceiros e, por isso, obrigada a permanecer ali fora a enraivecer eternamente.

não ficavam ali eternamente, pensava depois, haveriam de seguir para o inferno, levados pelas orelhas como mal comportados. talvez passasse por ali uma carrinha fechada que os apanhasse como se fazia aos cães vadios. uns homens saíam em busca de quem estivesse naquele impasse e atacariam com redes grandes que lhes tolheriam os gestos. a praça ficaria limpa por um tempo.

a maria da graça encostava-se o mais que podia às paredes e lá fazia o seu percurso, convicta de que, tendo morrido de tão horrenda sorte, seria digna de todos os perdões e admitida no céu. assim se apresentou, maria da graça, fui empregada de limpeza, sim, mulher-a-dias, como se fosse mulher só de vez em quando, em alguns dias. e o são pedro perguntava-lhe, o que é que isso quer dizer. e ela respondia, matou-me o senhor ferreira, que há muito me andava a fazer mal e eu até já o via a acontecer. o são pedro inclinava-se, cabeça para trás e barriga para a frente, e ria-se, dizia, ó minha senhora, isso agora não tem valor, os mortos são todos iguais, não têm profissão e não lhes vale de nada o que aprenderam a fazer, ou

parece-lhe que aqui existem quartos para limpar. a maria da graça insistia, mas morri sem vontade, foi o velho, por mim estava ainda a ganhar a vida, que não sou mulher de fugir a nada. o porteiro do céu encarava-a de perto, calando a sua gargalhada e espiando atentamente os olhos da mulher, e que terás feito tu para mereceres isso, perguntava-lhe, como podes esperar o perdão se ficaste ao pé do teu predador quando podias ter fugido. que queria dizer com aquilo. que provocador lhe parecia o são pedro, o estupor. estaria tão informado sobre as iniquidades dela, perguntava-se. que maldade de homem lhe parecia, a fazer da entrada do céu uma coisa difícil. e que mau aspecto tinha aquilo, com as brigas à porta, tão infundáveis e barulhentas. o santo recolhia os lábios como quem se fechava para não mais falar e foi como se pareceu a uma pedra, uma pedra que ao invés de se fazer de força inerte e bela, rolara para o centro da pequena porta como selando um túmulo. que terrível a entrada do céu se era em tudo parecida com a da morte. ir para o céu, pensava a maria da graça, é morrer. deixava-se estupefacta com tal ideia como se, por natureza, uma coisa não pudesse significar a outra. acordava suada, o coração a bater doido no peito e a boca sibilando aflita dizendo, não sou mulher de fugir a nada, eu não sou mulher de fugir a nada.

maldito senhor ferreira, resmungava ela depois. em meia hora havia de estar à porta da sua casa, a pedir licença para entrar e a chegar atazanada ao primeiro andar, carregando escada acima os tapetes lavados no dia anterior. maria da graça, dizia-lhe o maldito, é melhor que leve os tapetes para

lavar em casa. precisam de muito sol para secarem e aqui é esta escuridão que se vê. e ela pensava, que não se vê, que aqui não se vê nada, e eu havia era de lhe dizer das boas pelo mal que me faz. mas calou-se, não sorriu, respondeu, sim, senhor ferreira, posso levá-los. e depois talvez abrisse as portadas para que ele percebesse a generosidade daquela casa e o quanto a usava pelo lado contrário do esperado.

pelo caminho, seguia revoltada ao ocorrerem-lhe referências tão eruditas no sonho que repetia vezes sem conta. revoltava-se por se render tão imediatamente àquelas conversas que seriam só para a impressionar e rebaixar. este é um livro sobre o trabalho de goya, dizia-lhe o homem, um génio, veja. são coisas como já não há e nem deus havia de estar consciente da maravilha que vinha ao mundo quando este homem nasceu. sabe, maria da graça, há homens que surpreendem o criador, tenho a certeza. inchava todo para trás na sua poltrona de pele velha e parecia querer dizer que era brilhante por concluir tal coisa, como se pudesse também surpreender deus e regozijar-se por isso. ela respondia, certamente, senhor ferreira. ele levantava-se, punha-lhe as mãos nos ombros, inclinava-se um pouco à altura dela e beijava-a. não é que esteja certo, dizia ele, não estará com certeza, mas ambos sabemos o nosso lugar e é dessa forma que a sociedade se estrutura, é essa consciência que faz com que não se desmorone. a maria da graça trouxe cor a esta casa, eu já lhe disse isso. depois voltava a dobrar-se sobre a mulher e a tapar-lhe a boca com a sua, perscrutando a língua dela como se caçasse bichos ali dentro. o senhor ferreira não devia, ainda

ontem aconteceu, e depois tenho pesadelos à noite, interrompia ela. pois eu sonho belissimamente, respondia-lhe ele. ela ajeitava-se nos seus braços e esperava que talvez fossem apenas uns beijos, um abraço mais demorado que servisse para o acalmar e já voltariam cada um ao seu trabalho. e que porcaria malvada sonha você, perguntou-lhe. ora, que fico por aí a pensar, porque estas coisas não se esperam de uma mulher. para um homem, achava, as coisas estavam feitas de modo diferente. os empregos são melhores, as liberdades maiores, e até a consciência distinguia uns de outras. para as mulheres, uma devassidão era já um perigo de grande luxo. se alguém o descobrisse, não arranjaria a maria da graça mais chão para esfregar. o senhor ferreira voltava a sorrir e a investir sobre ela como se mais animado, tão mais divertido quanto excitado. não seja ingênua, maria da graça, se descobrissem o quanto, digamos, gostamos um do outro, haveriam de a cobiçar até lhe porem a mão como eu. se aquilo era honestidade, a maria da graça não sabia. sentia-se como vulgar, com o maldito categoricamente afirmando que lhe punha as mãos pela oportunidade. era como ouvia cada palavra, enquanto uma mão limpava a casa, a outra limpava o ego imperialista do patrão. olhe, senhor ferreira, um destes dias o meu augusto descobre e vem aqui falar-lhe de uns assuntos difíceis.

e depois o goya passou pelo bem e pelo mal, e está nas paredes sagradas da casa de deus como também deixou testemunho do terror que pode haver nas coisas de todos os dias. era um homem lúcido. sabia que a arte é incapaz de exageros. a arte é incapaz de exageros. entende o que lhe digo, maria da

graça, perguntava. ela encolhia um pouco os ombros e não sabia o que dizer, tudo lhe parecia demasiado empolado para que fosse válido para a sua vida tão simples. pensava que estava ali apenas para fazer o seu dinheiro e era de coisas de comer e vestir que precisava. aquelas teorias apaixonadas não lhe pareciam nada de pôr na sopa. só a paixão pode dar a um homem uma tal energia, continuava ele, só a paixão pode, num momento de afinidade com a vontade de deus, resultar numa obra tão impossível, e isto é fernando pessoa. a maria da graça sentava-se a medo, olhava para o livro e percebia os rostos imprecisos das figuras, o ar soturno e assustador que tinham. perguntava, e que pintou além destas imagens tão duras. o maldito arregalava os olhos de contentamento, perante o suposto interesse da sua pupila, e folheava o livro até lhe dizer, isto, absolutamente magnífico.

os beijos dele eram ocre, mais velhos e confusos, como se aflitos de sôfregos ou sem tempo. pareciam-lhe à pressa. e ela não gostava deles de modo algum. limpava a cozinha mais devagar atormentada pela sua presença que, antes ou depois da lida, lhe haveria de pôr a mão, uns dias para mais, outros para menos. e ela ficava com a louça nos esfregões mais tempo, a procurar no efémero das bolas de sabão uma saída para as suas tormentas. a maria da graça queria negar a si mesma o facto de se ter apaixonado por ele, mas era-lhe difícil manter tal ideia na cabeça. pensava que o odiava, mas pensava-o obsessivamente como quem não conseguia pensar em mais nada, aliás, muito mais grave, como quem não queria pensar em mais nada. era velho, sim, muito mais

velho, e não primava pela simpatia e menos ainda pela correção. se ela estava casada e ele tão bem sabedor disso, ele não seria mais do que um oportunista, aproveitando-se da sua condição humilde de empregada para se pôr nela e acentuar a sua ignorância falando-lhe das maravilhas do mundo. a maria da graça sabia bem que era homem com soberba e nenhum escrúpulo, sempre pronto para a submeter aos seus caprichos e ultrapassar largamente o que lhe competiria exigir enquanto patrão. para sobreviver à violência da situação, concentrava-se no dinheiro que ganhava e julgava a vida como difícil e para ela o difícil era suportável até um ponto de exagero assinalável.

decidira muitas vezes não voltar à casa do maldito. arranjar outra pessoa interessada, que a condição de lá ir quatro dias por semana não lhe trouxera nenhum vínculo jurídico e estava livre para desistir assim que lhe parecesse bem. o senhor ferreira, todo importante e seguro, deixava-lhe as poucas notas em cima do prato à entrada da casa e achava tal fortuna naquilo que nunca acreditaria que a mulher dali arredasse. contava as notas com cautela, não fosse ela julgar que a compensava por algum cuidado ou atenção e ficar à espera do mesmo no mês seguinte. nada disso. as notas eram colocadas no prato depois de conferidas duas ou três vezes, e ficavam ali sob um pisa-papéis de bronze em forma de mão. a maria da graça levantava-o e sabia que ali estaria a quantia mais exacta de todos os seus pagamentos. se passava os olhos pelas notas antes de as guardar era porque esperava que o homem enlouquecesse um dia, e tal coisa haveria de a favorecer ou

prejudicar grandemente. olhar para as notas era um modo de ir vendo o tempo passar, vencendo mais um mês antes do grande evento da sua loucura que, sabia bem, haveria de a levar à morte.

e ele fixava-a de passagem entre a sala e o quarto. ela atarefava-se particularmente, não fosse o homem querer procurar-lhe a boca ou pedir-lhe que se levantasse do chão para lhe pôr as mãos no corpo. ela estendia-se o mais que podia no meio dos bancos e da mesa e não lhe dava azo a achar que estaria para ali desocupada e com tempo para uma pausa carnal. a tarde gastava-se e ela acalmava, ao menos hoje é dia de levantar a mão e levar o meu dinheiro. e ele pensava, gostava que saísse daqui extenuada. satisfeita de tal modo que não suportasse o marido. ficava absorto nesse pensamento. a maria da graça, não sabendo de tal aspiração, quantas vezes se via na cama dele, mesmo à hora de saída, a dar-lhe o corpo e o tempo que, mais tarde, voltaria a partilhar com o marido. o maldito gemia e convencia-se de que a idade não lhe tirara o fulgor. ela encontrava os olhos dele no meio do acto e queria dizer-lhe que ele não entendia nada sobre o que estava a acontecer e que ela não era surpreendente nem para ele, quanto mais para deus, e nunca teria vocabulário suficiente para lhe explicar aquele odioso amor. saía de baixo dele compondo a roupa, e ele fumava um cigarro queimando o ar e fedendo incrivelmente. ela justificava-se dizendo, o meu marido está em terra e tenho roupa para lavar em casa, estou atrasada. ele respondia, sorrindo e perguntando, quando parte novamente,

um pescador no coração de bragança, não é comum um marido assim.

chegava a casa a cheirar a suor de vergonha. metia-se a banho muito brevemente, para se sentir menos culpada de amar outro homem, e começava a cozinhar. não tardava a entrar o augusto e ele haveria de querer tudo sobre a mesa, convencido até de que o seu cansaço era sempre maior e mais digno de ser respeitado do que o dela. com dezassete anos de casamento e aquela atitude piorando, já a maria da graça o encarava como um traste do qual não tinha como se livrar. punha-lhe os ovos à frente, o arroz, a sopa a esfriar, e atirava-se para a sua cadeira ouvindo-o lamentar-se de andar por ali sem ter o que fazer. fui ver as obras, dizia, estão cada vez mais cheias de homens de leste, desesperados e dispostos a carregar com os camiões aos ombros para sobreviverem. os de leste, continuava ele, são uns resistentes que nos hão-de lixar a vida a todos. porque são mais espertos, mais fortes e estão desesperados. ela comia a sopa primeiro, assentava a mão esquerda no colo, puxando a saia para baixo, muito esporadicamente colocando a mão no lugar do púbis, um pouco dorido, um pouco confuso, tão desejosa de se deitar, pensando reiteradamente no maldito e no modo como se lhe impunha, buscando-a com desejo.

o augusto rebojava-se no sofá, doía-lhe a barriga, mas não sabia que a maria da graça lhe deitava na sopa umas gotas de lixívia ou outro abrasivo qualquer. ela só baixava o som da televisão e já se deitava. com os olhos parados no tecto, lembrava-se de coisas díspares. jurava, sempre mais e mais, criar

tempo para estar com a quitéria, que havia de lhe rogar pragas sol e lua por nunca lhe dizer nada, ali vizinhas e sem se verem quase por uma semana inteira. era sempre assim quando o agosto ia a terra. e ele que se acalmasse com uma cerveja mal fresca e adormecesse pela sala, convencido até de que estar em bragança era o que lhe alterava a saúde. não o queria matar, a pobre da mulher, queria apenas que lhe pagasse um pouco a falta de liberdade, que estar casada com ele era como ter trela presa a uma parede, ainda por cima, uma parede de tinta desbotada e estúpida feita de opiniões estúpidas. se o agosto morresse das poucas semanas de sopa de lixívia, seria para ela uma surpresa boa mas assustadora, porque não se via como assassina. punha-se a pensar nisso de assassinar e não se via presa, metida para uns quaisquer calabouços. achava-se uma mulher igual às outras, pelo que qualquer coisa que fazia haveria de ser entendida como razoável à luz da cruel forma de vida que lhe estava destinada. talvez aquelas gotas de lixívia fossem o seu modo de não fugir do agosto. deixá-lo ainda consigo, mas anulando-o em parte. tornando-o metade do homem que ele podia ser, se com metade do homem que ele era a maria da graça já se cansava e frustrava sem retorno. a quitéria alertava-a, isso assim, dia a dia, dá um litro facilmente, e a mim parece-me que um homem que beba um litro de lixívia vai desta para outra com muita certeza. podiam sorrir, as duas tão cúmplices quanto inconscientemente criminosas. retiravam daí um divertimento leviano, feito da matéria mais contínua e difícil da vida. um divertimento para lhes sublimar os sonhos tolos de adolescência, as vezes em

que se tinham deitado com um homem por amor, sabendo depois que o amor morre. o esforço necessário para aceitar a insensibilidade masculina. o abandono ou a instituída solidão pela vontade criadora de deus. e depois pensavam que não importava nada daquilo, que também poderiam ser feitas de pedra. andando pelo mundo vendo-o como desapaixonadas e até desinteressadas. e a quitéria dizia, cala-te, graça, estás louca pelo maldito, não tens hipótese nenhuma senão desmoronar por aí abaixo. significava que todas as coisas da sua vida estariam periclitantes. intermitentes entre serem para a esquerda ou para a direita, para sempre ou esgotadas num segundo, doces ou amargas, amadas ou profundamente odiadas. o amor criado assim, a partir de quem se odeia, é o pior, dizia-lhe a quitéria, é como lutar com a sombra. a maria da graça deitava uma gota a mais de lixívia na sopa do agosto e julgava libertar-se daqueles sentimentos revoltantes. perdia-se nos estendais, a sacudir lençóis e a pendurar mais tapetes, quando até o seu corpo estremecia, abalado de nervos com a ideia horrível de se apaixonar por um velho que a desprezava e que tanto aprendera a desprezar também.

o agosto ainda dormia incomodado, mexendo-se e dizendo breves palavras sonâmbulas, quando a maria da graça se levantava muito cedo, mas sempre sem se salvar dos seus próprios pesadelos, entregando-se eternamente ingénuo à aspereza da vigília.